

## CAPÍTULO I

### A magia dos povos selvagens

7

A magia dos povos selvagens, e das sociedades entregues à bárbarie primitiva, reflete por suas formas ridículas a grosseria das noções que faz do universo o espírito humano, quando está mergulhado na ignorância mais absoluta. A religião do homem selvagem ou muito bárbaro é um naturalismo supersticioso, um feiticismo incoerente no qual todos os fenômenos da natureza, todos os seres da criação se tornam objetos de adoração. O homem coloca em todo lugar espíritos pessoais concebidos à sua imagem, sucessivamente confundidos com os objetos mesmo ou separados desses objetos. Tal é a religião de todos os povos negros, tribos altaicas, povoações da Malásia, e outras populações primitivas do Indústão, dos peles-vermelhas da América e insulares da Polinésia; tal foi em sua origem a dos árias, dos mongóis, dos chineses, dos celtas, dos germanos e dos eslavos. Tal parece ter sido o caráter das crenças que serviram de fundamento ao politeísmo dos gregos e dos latinos. Somente, seguindo o gênio próprio de cada nação e de cada raça, seguindo a região que habita, o gênero de vida que leva, é em direção a tal ou tal ordem de agentes ou de fenômenos que se volta de preferência sua veneração. Mas um feiticheiro demonológico reside sempre no fundo dessas religiões grosseiras, que buscam a divindade dos produtos da criação. As fábulas que se contam sobre os deuses, os mitos pelos quais se explicam os fenômenos do universo, as cerimônias e os ritos de que se compõe o culto